

Aos 67 anos da PUC-SP, com a vinda prevista do cardeal de São Paulo d. Odilo Scherer ao TUCA, os estudantes da universidade se reuniram para comemorar a data com um protesto pedindo por democracia universitária e pela queda de Anna Cintra, reitora escolhida por Scherer após as eleições no segundo semestre de 2012.

Com a presença da Rádio Bandeja, os estudantes produziram cartazes e encheram bexigas na Prainha pouco antes do evento no TUCA, divulgado pela PUC-SP como "A identidade da universidade católica em diálogo". Ao sair em ato até o teatro, no entanto, depararam-se com as portas do local fechadas com diversos seguranças da Graber posicionados a fim de impedir a entrada de qualquer manifestante.

Com a negação da equipe da Graber em liberar a entrada dos manifestantes, porém permitindo a entrada de outras pessoas no saguão do teatro, os estudantes decidiram que ninguém mais entraria no recinto até que fosse liberada a entrada de todos. Com a chegada de D. Odilo, os presentes formaram uma barreira entre a porta de vidro e o cardeal e seus seguranças, além de membros da Pastoral Universitária e do clero. Estes, no entanto, empurraram os estudantes contra a parede, usando inclusive de violência e também ameaçando verbalmente - ao final do ato, uma estudante relatou ter ouvido que "seria presa por conta daquela ação".

ESTUDANTES QUESTIONAM D. ODILO NO ANIVERSÁRIO DA PUC-SP



ANNA GOELHO



Acima, estudantes cercam D. Odilo no palco do TUCA; ao lado, manifestantes formam barreira na entrada do teatro

PERGUNTAS AO CARDEAL

Após a entrada de d. Odilo, os estudantes também conseguiram entrar nas dependências do TUCA, onde ocuparam o palco e exigiram respostas do cardeal a suas perguntas. Com perguntas de alunos dos mais diversos cursos, os presentes pressionaram Scherer para saber suas razões para a escolha de Anna Cintra, 3ª e

última colocada nas eleições para reitoria em 2012, além de questionar a assinatura da reitora, ausente no evento, se comprometendo em não aceitar o cargo caso não fosse a mais votada - segundo os estudantes, "mentir é pecado, vai contra os princípios da Igreja Católica" - e também questionando o papel de Francisco Serralvo, segundo colocado nas eleições, no golpe, visto que o candidato não se manifestou contra a escolha de Anna Cintra e ainda assumiu um cargo no setor de Finanças da universidade. D. Odilo, sem uma resposta direta e constrangido pelas perguntas, deixou que o próprio Serralvo explicasse seus motivos para não criticar Anna Cintra.

A última pergunta feita pelos estudantes foi, como os mesmos disseram, um desafio ao cardeal: fazer um plebiscito na comunidade acadêmica para discutir a lista tríplice e uma nova gestão para a reitoria.

Julgamento do caso Anna Cintra é marcado

O agravo de instrumento que definirá os rumos da PUC-SP nos próximos anos será julgado no próximo dia 4/9.

O grupo Disparada, que foi gestão do Centro Acadêmico 22 de Agosto em 2012 e que deu início ao processo, continuado pela gestão do grupo UNA, convocou os

estudantes por meio de um evento para uma mobilização no dia do julgamento, que ocorrerá às 9h30 na sala 509 do no Palácio do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na Praça da Sé.

Para conferir mais informações, acesse www.facebook.com/events/429473350505817/

Da PUC-SP e de todo o Brasil continuam os apoios à professora Bia Abramides

Mais apoios chegaram esta semana à causa da professora Bia Abramides, diretora da APROPUC, que de maneira arbitrária foi processada pela reitoria nomeada da PUC-SP. Até agora, terminada a fase de apuração das "denúncias", a comissão processante enviou seu relatório, mas a professora Anna Cintra ainda não se pronunciou. Abaixo publicamos mais apoios e repúdios ao processo político:

Josiane Biondo (UFSC); Creuza Telles (Academ); Luciana Ribeiro (Coletivo Feminista Socialista); Luziene Luz (PM Campinas); Michelle Dias da Silva (Casa Viviane dos Santos - Núcleo de Defesa da Mulher); Valquíria

Santos (Hospital Ana Neri-Salvador); Raquel Santos (PM Campinas); Priscilla Resende (Unesp-Franca); Thiago Sant'Ana Pereira (Psicólogo); Viviane de Paula (Unifai); Roberto Aguiar (INSS); Anari Fernandes Senna (USP); Weber Lopes (Fundação Santo André); Ilka Custódio (UNG); Maria Pamplona Dias (Assistente Social); Ana Maria Barbosa Faria (Escola Técnica BH); Alexandra Arlia (Univ Federal de Ouro Preto-UFOP); Lilian Mello (PMSP); Carolina Trípoli (Assistente Social); Suzidarley Fidelis Motta (Unirio); Belmiro Lopes (Secretaria do Estado Educação); Conceição Moura (UFPE); Alla Ferreira (UFF Goytacazes); Tarcio Holanda Teixeira (UFPE); Lucas Alecrim (Cor-

reios e telégrafos); Aline Lucena (Tribunal de Justiça PB); Regina Marchetti (Unidesp); Terezinha Martins (UFF); Perci Marrara (PCO); Ana Maria Amoroso Lima (UFJF); Margarida Pepeia (Atriz de rua); Maria Dolores Zundt (Secretaria da Educação SP); Leonidas Vala (Tecnologia da Informação); Mirna Guryev (Produtora Cultural); Manoela Coruja (Publicitária); Luiza Tebet (Atriz); Graça Ennes (INSS); Patrícia Little (Markenzie); Valdivina Francisca de Jesus (PM Praia Grande); Lais Moreno (PMSP); Vanda Sueli Rosário (SASF); Valéria Barsoumian (Hospital Municipal do Tatuapé); Haydée Fiorino (Defensoria Pública do Estado de São Paulo); Iris Makhwmbha (UFMT); Júlio

César de Andrade (Conselho Tutelar de Lajeado); Débora Cristina Goulart (Unesp-Marília); Maria do Carmo Lima (CRAS- Campo Limpo); Suelen Costa (PM-Barueri).

Estudantes da PUC-SP

Amanda Omielli S. Lima, Bruna Assis P. Silveira, Bruno Vilela, Elisa de Oliveira Silva, Fernando Motta Martins, Maiara Oliveira Maciel - Direito; Ivanildo da S. Cavalcante, Carla Saraiva, Elizangela Negreiros - Serviço Social; Rafael F. Barella - FEA; Luciene A dos Santos, Nercel Cogel Hollnon - Fafica; Iris Luisa Leite, Danielle Mendes Altoé - Ciências Sociais; Luciana Ribeiro Paneghini, Sílvia Sergio F. Pinheiro - Pós Graduação.

USP se mobiliza pelas eleições diretas para reitor

Os estudantes da USP também estão se mobilizando este ano para poder votar para reitor. Atualmente quem dirige a universidade é João Grandino Rodas, segundo colocado nas últimas eleições de 2011 para reitor, e escolhido pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) para assumir o cargo, por meio da lista tríplice.

O DCE Livre da USP deu

início à campanha "Diretas para Reitor Já!" no mês de agosto, espalhando cartazes pela universidade e organizando o 1º ato pelas Diretas para Reitor Já, que ocorreu no dia 21/8 no campus Butantã. Com início na frente da reitoria, os estudantes foram até o bandeirão central e logo em seguida se dirigiram pelas ruas da Cidade Universitária à Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, onde encerraram o ato no prédio da História e Geografia. Com palavras de ordem que pediam o fim da lista tríplice e as eleições diretas e paritárias para reitor da universidade, os estudantes carregaram cartazes e bandeiras explicando a mobilização e a importância de se votar para reitor.

Na assembleia dos estu-

dantes da USP do dia 20/8 foi deliberado apoio ao ato de quinta-feira na PUC-SP e também aprovada a proposta de ato unificado entre as duas universidades, uma vez que os estudantes entendem que a luta é a mesma e que o ato fortalecerá as lutas locais. O ato, que já havia sido aprovado em assembleia geral da PUC-SP, ainda não tem data nem local definidos.



Estudantes da USP chegam à FFLCH no fim do ato

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischorst

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Após denúncias do PUCviva, restaurante volta a cobrar R\$ 6,00 pelo bandejeão

Após o jornal **PUCviva** denunciar na semana passada que o Restaurante Facultativo havia aumentado o preço do bandejeão em 70 centavos sem o aval da Fundação São Paulo (Fundasp), o valor cobrado pela refeição subsidiada voltou ao mesmo patamar de antes - R\$ 6,00 para estudantes.

O restaurante recua na decisão depois que o secretário-executivo da Fundasp, padre Rodolpho Perazollo, desautorizou o aumento do valor da refeição conforme noticiado na última edição

do **PUCviva**. Isso porque o reajuste não foi votado em sessão do Conselho de Administração (Consad), que é o órgão universitário competente em relação a questões financeiras. Para que o aumento possa ser efetivado, segundo o próprio secretário, é preciso que o restaurante apresente ao Conselho uma planilha financeira que justifique o reajuste, fato que não aconteceu até o último Consad.

Apesar de o aumento ter sido suspenso, é possível que ele aconteça caso o

restaurante apresente a planilha de custos ao Consad. Ao menos é o que indica o histórico recente do preço da refeição na PUC-SP. Em 2011, o preço sem o subsídio subiu para R\$ 9,90. No ano passado, saltou para os atuais R\$ 10,70. E seguindo a lógica de reajuste anual é possível que nos próximos meses sofra um novo aumento. Resta saber, caso o reajuste aconteça, se o aumento será repassado para o bolso da comunidade ou se será subsidiado pela mantenedora.

PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

Já os professores e funcionários, através de seu Acordo Interno, também têm direito a 50% do valor cobrado pelo restaurante no chamado bandejeão. Este desconto é viabilizado a partir do momento em que o trabalhador solicita à Divisão de Recursos Humanos (DRH) o cartão do Visa Vale, que no ato da compra do bandejeão não registrará o valor integral, mas a metade do preço da refeição.



Presença do PUCviva nas eleições da universidade

Desde 1992 o **PUCviva** participou ativamente das discussões eleitorais da PUC-SP. Todos processos eleitorais tiveram grande espaço no jornal, com a comunidade discutindo as propostas dos diversos professores que aspiravam à direção da PUC-SP e se posicionando sobre suas preferências.

Assim foi com as reeleições sucessivas do professor Antonio Carlos Ronca, nos anos de 1996 e 2000, que já havia substituído em 1993 o professor Joel Martins, que

falecera em pleno exercício de seu mandato.

Em 2003 com a disputa acirrada que elegeu a professora Laura Vêras, e em 2008 com a vitória do professor Dirceu de Mello da Faculdade de Direito.

Em 2012, o **PUCviva** foi o primeiro órgão de imprensa a registrar a intenção da professora Anna Maria Marques Cintra, então lançando a sua candidatura, em assumir a reitoria mesmo que não fosse a primeira colocada.

dizia a professora na edição de 16/4/2012. Mais tarde esta fala mudaria quando os estudantes apresentaram em um debate aos candidatos um compromisso de que não aceitariam a nomeação de Dom Odilo caso não fossem o mais votado.

Infelizmente prevaleceu aquilo que a professora falara ao **PUCviva** e, contra a vontade da maioria da comunidade, a reitora foi empossada por Dom Odilo Scherer em decisão que até hoje é questionada na Justiça.

O que a comunidade espera da nova gestão Ronca

Para Renato Afonso Gonçalves, o TCU, coordenador político da ANU, a Reitoria deverá enfrentar vários desafios como a revisão estatutária, o redimensionamento de um contrato docente e um plano de cargos e salários, mandando encerrar principalmente a greve dos docentes que já passa a universidade e projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional.

Com relação aos principais problemas que a pós-graduação enfrenta, há a necessidade de um maior acesso à tecnologia da informação, principalmente à Internet, infraestrutura para cursos de pós-graduação. Além disso será necessário mais discussões e negociações sobre a contratação de novos especialistas em áreas como a de Física e Matemática para a universidade.

Final da terceirização

Para AFAPUC, uma das principais expectativas refere-se ao fim da terceirização, prática que começou a ser adotada de uma maneira tímida pela antiga gestão.

A implementação rígida do Plano de Cargos e Salários deveria ser outra prioridade da reitoria, segundo a AFAPUC, que ainda espera uma melhoria das condições de trabalho e infraestrutura de funcionários, que enfrentam várias dificuldades para a falta de investimentos para novas faixas.

PRECISAMOS DE UM CHOQUE DE GESTÃO, MUDAR A FORMA DE DISCUTIR AS COISAS

Ana Maria Marques Cintra está no PUCviva desde 1981, como aluna, e desde 1986, como professora. Por mais de 25 anos foi professora de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da PUC-SP. Atualmente é professora titular de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da PUC-SP.

SONHO E ATUAL GESTÃO

Não estou participando de nenhum tipo de decisão decisória, porque não tenho nenhuma influência na gestão da PUC-SP. O meu sonho é que a PUC-SP seja uma universidade que dialogue com a sociedade, que seja aberta e transparente, que seja capaz de ouvir e responder às demandas da comunidade.

PERDA DE ALUNOS

O desafio de perda de alunos deve ser encarado com cuidado e sensibilidade, pois se trata de uma situação que pode ser evitada com o tempo através de melhorias na infraestrutura, na qualidade do ensino e na transparência da gestão.

MAXIMIZAÇÃO

Maximizar o uso dos recursos disponíveis é uma das prioridades da gestão. Isso pode ser feito através de uma melhor gestão dos recursos humanos e financeiros.

APROPUC lança edição nº42 da revista *PUCviva* sobre capitalismo e guerra

Na terça-feira, 20/8, a APROPUC realizou o lançamento da mais nova edição da *Revista PUCviva*. A publicação discute as tendências bélicas mundiais e a crise do capitalismo - tema sempre relevante e que ganha maior importância diante de um contexto mundial tão beligerante.

Na mesa de lançamento, o jornalista Ricardo Melani e o ex-professor da PUC-SP Erson Martins contribuíram com o debate. Além da diretora da APROPUC, Priscilla Cornalbas, que fez a mediação da discussão. Os outros dois convidados programados para a atividade de lançamento, Sofia Manzano e Osvaldo Coggiola, tiveram problemas pessoais e não puderam comparecer ao evento.

Logo na introdução de sua intervenção, Melani destacou que o "belicismo não é uma distorção do capitalismo, mas imanente a ele, embora já estivesse presente antes do sistema capitalista, que aperfeiçoou o belicismo". Segundo ele, o capitalismo, com a ciência das armas e as revoluções tecnológicas, produziu armas como nenhum outro sistema. Por isso, qualquer tentativa de paz que não leve em consideração essa característica, está sendo ou ingênua ou equivocada. Para exemplificar, o jornalista retomou o episódio do bombardeio do Japão, pelos EUA, como um símbolo da relação do capital com o belicismo.

Naquele momento, segundo Melani, os EUA já haviam ganhado a guerra, mas bombardearam o Ja-



ROBERTO OLIVEIRA

Na mesa do debate os professores Ricardo Melani, Priscilla Cornalbas e Erson Martins

pão como demonstração de soberania militar e econômica. Ele lembrou também dos discursos de presidentes americanos no pós guerra que faziam referência à indústria das armas, a qual, segundo os próprios, precisava de maior controle. Isso em um período de descolonização mundial, quando os EUA se envolveram em guerras e ditaduras pela América, Ásia e África. Mas também recentemente, na invasão do Iraque, onde se procurava armas nucleares inexistentes, e se invadiu sob a lógica de militarização preventiva.

Uma vez que o capitalismo e a guerra estão intrinsecamente vinculados, Melani trouxe números para comprovar sua tese. Por exemplo, o investimento militar dos EUA é maior do que a soma dos 17 países subsequentes a ele na escala armamentista. E das 10 maiores empresas bélicas, sete são americanas. No final, Melani ainda leu um depoimento de um militar que esteve no Iraque, que pode ser encontrado em seu artigo na Revista *PUCviva*, "Capitalismo: be-

licismo hiperconcentrado", que evidencia o sistema armamentista em voga.

CAPITALISMO MONOPOLISTA

Erson Martins, por sua vez, começou lembrando o papel dos EUA ao longo do século XX, principalmente no período entre guerras. Segundo ele, a 1ª Guerra Mundial evidenciou uma tendência do capitalismo, de quebrar fronteiras, já em um período de capitalismo monopolista. Ele destacou que a guerra nessa fase do capital, imperialista, tem como função básica a destruição de forças produtivas. "A 1ª Guerra Mundial foi uma expressão da passagem do capitalismo concorrencial, comercial para o monopolista. Não há como debater guerras sem debater o imperialismo, que é a fase superior do capitalismo", disse.

Na 2ª Guerra Mundial, de acordo com Martins, esgotou-se o modelo das potências após a primeira guerra, e cria-se uma nova dinâmica monopolista. Abre-se, então, uma contradição entre as fronteiras nacionais e o

avanço das forças produtivas mundiais. E esse foi um dos motivos da guerra. "Só é possível realizar o sonho civilizador, a paz, combatendo a lógica e as leis do capitalismo", afirmou ele.

Outra ideia trazida por Erson Martins foi a da relação entre a democracia liberal e a guerra, a partir da ideologia da intervenção externa norte-americana. Sob essa justificativa, da defesa democrática, os EUA intervêm onde sua geopolítica indicar a necessidade. Assim, instalou-se uma lógica belicista permanente, desde 1991, com a guerra no Iraque, abrindo uma frente de guerra de busca pelo petróleo.

Para concluir, Martins lembrou que é preciso distinguir guerras ofensivas das defensivas - guerras de emancipação, de avanço político, e de dominação, de avanço monopolista econômico.

Quem quiser adquirir a *Revista PUCviva*, que já foi distribuída aos associados, deve entrar em contato com a APROPUC, na Rua Bartira, nº407, ou através do número (11) 3865-4914.

FALA COMUNIDADE

"Dá licença de contá"

Edilaine Correa Gonçalves

Há tempos, tenho acompanhado entre os muros da escola PUC-SP agentes em mutação e em busca de seu lugar na sociedade ao exercitar outras formas de pensar política, cultura, história, entre outras. Um espaço historicamente democrático, ou que pensamos assim sê-lo, diferentemente dos 12 primeiros anos de ensino fundamental e médio.

Mas, gostaria de falar sobre a paixão que sentimos por tudo daqui que reverenciamos ou que atribuí valor em nossos currículos acadêmicos, profissionais ou como simples experiências de vida para o mundo além de seus muros. Sentimos orgulho de sermos parte do todo, ainda que nem sempre sejamos julgados de forma positiva pela nossa importância na construção da história da PUC-SP.

"Foi aqui seu moço" que entramos bem jovens (grande maioria dos funcionários em seu primeiro emprego), acompanhamos greves, disputas por lugares de destaque ou o trânsito de tantos que, atualmente, são mencionados nas mídias por ocuparem polêmicos cargos públicos, por exemplo. Foi aqui também que (e essa é a melhor e saudosa parte para a qual se vale esse artigo) gozávamos de uma convivência muito saudável entre alunos, funcionários e professores, exatamente nessa ordem, alfabética, para não sugerir qualquer ideia de escala de valores.

Nos anos 90, compar-

tilhávamos sorrisos e boas prosas em campeonatos de futebol (masculino e feminino) com todos praticando com prazer, esporte e descontração entre amigos. Era um encontro fora do horário de trabalho em que se lamentava a impossibilidade de comparecer nele, uma versão anterior do atual happy hour. Tínhamos mesa de pingue-pongue no CA próximo à quadra, violão e cantoria ao meio dia na Curva do Rio ou concertos de música clássica no Pátio da Cruz. Rodas de capoeira ou assembleias cheias, misturando vários segmentos representativos dessa instituição. Eram momentos de contato especial reconhecendo-nos importantes agentes construtores dessa universidade. Claro que é do conhecimento de todos que uma pequena parcela dos colegas não via com bons olhos essa alegria experimentada desqualificando os frequen-

tadores desses eventos, vivos hoje apenas na lembrança.

Tudo mudou sensivelmente em 2006 com a saída de 211 funcionários ou professores, colegas de trabalho, como medida necessária para reequilibrar econômica e financeiramente a instituição. "Que tristeza que eu sentia... Duia o coração... [mas] Os hómítá cá razão". Na expressão poética do grande Adoniram Barbosa, tomo a liberdade de me apropriar de trechos de sua canção, encontrando outras ressignificações de acordo com o que me vem à mente e ao coração. Assim, com a medida aplicada, poderíamos imaginar o que se passava na cabeça de cada um dos dispensados. "Nós arranja outro lugar".

E tem sido essa aparentemente a única saída: arranja outro lugar porque o receio se instalou como uma assombração. Já não nos encontramos mais, já não há lugares festivos e prazerosos de convivência,

já não há a sensação de irmandade, coleguismo em misturas alfabéticas. Não há tempo para conversar, ânimo para encontros ou campeonatos "recheados de NÓS", as festas de confraternização, antes esperados de forma alegre para brindarmos o que aconteceu de bom no ano, já não atraem público. As pessoas praticamente não se veem. Já não nos conhecemos, não nos agrupamos, escolhemos quem fará parte daquilo que desejamos compartilhar (seria a tal da seleção natural?), excluímos outros tantos. Sentimos o tempo passar esperando nosso dia para a despedida e vivemos relembando com saudosismo, tempos passados. Saudosa maloca, maloca querida, Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida."

Edilaine Correa Gonçalves
é funcionária da biblioteca
Campus Monte Alegre

Funcionários comemoram aniversário da PUC-SP na praia

Durante o feriado de comemoração dos 67 anos da PUC-SP os funcionários realizaram seu tradicional passeio à Colônia de Férias do Sindicato dos Auxiliares Administrativos de São Paulo, na Praia Grande.

Na foto alguns momentos de lazer dos trabalhadores que esqueceram por alguns momentos o duro dia-a-dia da PUC-SP



G AUCHE NA VIDA

Manifesto do movimento Universidade Aldeia Indígena Marakà Anàna

A Retomada e a Autoridade das Ruas

A luta pela retomada do território indígena da Aldeia Maracanã começou em 20/10/2006, data em que ocupamos (retomamos), pela primeira vez, esta terra, culminando, assim, na resistência contra a invasão militar e a remoção arbitrária e violenta do Estado em 12/1 e 22/3 deste presente ano. Esta luta envolve ações de caráter jurídico, na Justiça Federal, de articulação político-social com os movimentos de resistência e de Ação Direta nas ruas. Nós, do Movimento Aldeia Maracanã Resiste!, participamos ativamente da organização e das ações de protesto nas ruas, desde então, nas iniciativas de reocupação. E entendemos que foi este movimento quem criou as condições concretas de retomada da Aldeia, pelo movimento de resistência indígena! Até que, finalmente, na última segunda-feira, 5/8/2013, retomamos este território ancestral.

Como vimos acima, a luta pela retomada deste território indígena ancestral é anterior ao anúncio da cessão, pelo governo estadual, do espaço para destinação à cultura indígena. A reocupação era iminente e já vinha sendo marcada há algumas semanas, em consonância com o andamento da ação de reconhecimento de posse, uso e gestão indígena deste território na Justiça Federal pelo CESAC e em articulação com os movimentos sociais. Após o anúncio do governo do Estado, por intermédio de sua Secretária de Cultura, vimos participando do debate aberto sobre a posse, o uso e gestão deste espaço. Porém, reconhecemos a existência

de um impasse, devido a posições políticas antagônicas assumidas pelo Estado contra a Resistência quanto à posse da terra (sua estadualização ou reconhecimento como terra de usufruto indígena), seu uso e gestão (concessão privada ou uso e gestão comunitária indígena). Para a cultura indígena, este território não tem valor de troca, é, portanto, inalienável, como bem comum, de natureza pública!

Enfim, o anúncio desta "destinação cultural indígena" do espaço da Aldeia Maracanã, como um presente de grego, traz consigo algumas pré condições, conforme o anunciado pela Secretária Estadual de Cultura, que são motivo de antagonismos:

1. A aceitação e o reconhecimento tácito e expresso da legitimidade da transferência de propriedade da terra, da União para o Estado;
2. Que o espaço não seja utilizado para fins de moradia;
3. Que sua gestão seja concedida através de concessão ou terceirização de organizações sociais privadas (privatização).

Estas "pré-condições" requerem do Movimento Indígena que desista de seus princípios de formação cultural que reconhecemos como inalienáveis, como o princípio do bem comum e da ancestralidade (historicidade) de nossa relação com o espaço.

Ou seja, este impasse não está fundamentado em disputas de interesses privados ou inter-étnicas (culturais), mas reproduz a estratégia secular de conquista colonial na atualidade de "dividir para governar", ou seja, "controlar e manipular". O impasse está

situado em diferenças concretas de posicionamento político cultural, entre a rendição às "prerrogativas" ideológicas do Estado capitalista, de privatização e opressão, e a defesa de princípios político culturais indígenas ancestrais, de uso comunitário, ancestralidade (historicidade), e auto-gestão.

Mais do que isto, a luta, a resistência da Aldeia, também está consagrada, como condição de possibilidade, em uma aliança com os movimentos sociais de resistência anti-sistêmica locais, nacionais e internacionais.

Contudo, esta aliança está assentada sob o protagonismo indígena territorializado, que assume toda a responsabilidade e direção pela organização das ações na Justiça e de retomada da Aldeia, como a Ação Direta de luta por nossos direitos ancestrais! Denunciamos, portanto, como falsa, qualquer tentativa de atribuir nossas ações, nossa interpretação da realidade e nossas perspectivas de luta à intervenção "branca", de outros sujeitos ou movimentos não-indígenas.

Entendemos como reducionismo, senão como racismo etnocida, qualquer tentativa de desqualificação dos movimentos sociais "não-indígenas" como de "brancos" ou de "intervencionistas". Mas, entre os não-indígenas do governo do Estado, do capitalismo, e os "não-indígenas" dos movimentos nas ruas, fechamos, de forma incondicional, como nossos parentes historicamente minorizados, favelizados, de ocupações, outras aldeias, quilombos, trabalhadores, movimento feminista entre outros, de resistência ao mo-

delo de desenvolvimento capitalista dominante e de cidade (sociedade) global capitalista de exceção.

Na resistência da Aldeia Maracanã, somos todos indígenas, nos compreendemos, com o exemplo dos Mapuches do Chile, que o reconhecimento da cultura e das relações sociais a partir das comunidades de resistência deve ampliar as possibilidades de reinvenção, também como "indianização", do mundo.

Definimos nas primeiras Assembleias da Retomada o reconhecimento da análise da conjuntura e perspectivas do movimento nas ruas, de que participamos, em toda sua radicalidade, e em defesa da nossa liberdade política e cultural, e contra toda forma de estigmatização e preconceito contra nossas companheiras, como relação de fraternidade na luta, formação de classe, pela reinvenção da política em sua retomada às ruas, pela constituição de Assembleias Populares de base territorializada; o questionamento da legitimidade dos órgãos de dominação do Estado e do Capitalismo, como resistência contra cultural, na Ação Direta.

Defendemos, neste sentido, os princípios de auto-governo e constituição, em regime de democracia direta, livre-colaborativa, de uma Universidade/Aldeia Indígena, neste espaço ancestral, orientado por seus protagonistas; e convidamos todas as lutas para este desafio, de construção participativa de um Projeto Político-pedagógico, de um

continuação da página anterior

Plano Arquitetônico e de Reforma, Modo de produção e Gestão público-comunitária deste espaço, exercendo o protagonismo dos usos, costumes e tradições indígenas.

Defendemos a Revogação do processo de compra e venda, pelo Estado junto a União (estadualização) deste território indígena e a Reconstituição do caráter público-comunitário, deste, seu uso fruto comum e autogestão.

Defendemos a Revogação da concessão privada do Complexo do Maracanã, que inclui o território da Aldeia Maracanã.

Defendemos, junto à SEC/Estado e à Justiça, toda a extensão (14,3 mil m²) deste território indígena, como espaço de construção coletiva do conhecimento, cultura, e religiosidade indígena, e público-participativa, de auto-gestão coletiva.

Requeremos a atuação, em consonância com seus princípios constitucionais constitutivos, da Funai e do Ministério Público Federal, na defesa dos direitos indígenas e de cidadania.

Defendemos o direito de expressão política dos coletivos que formam a Aldeia Maracanã e estão juntos na resistência contra o projeto de desenvolvimento capitalista; Pare o Belo Monte; Contra a Violência etnocida e pela demarcação das terras indígenas Guarani-Kaiowá, do Santuário dos Pajés, e de todos os povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais e tradicionais em geral; Pare a TKCSA; Pare o Porto do Açú; Não ao Porto de Jaconé; Não ao Uso do Rio Guaxandiba pelo Comperj; Pare a repressão militar do Estado e das milícias; Pare as Remoções Já! Contra o sistema de reprodução da cidade global capitalista de exceção!

Lutamos contra todas as iniciativas e projetos legislati-

vos que representem perspectivas de retrocesso quanto aos direitos indígenas consagrados pela Constituição de 1988, como a PEC 215.

Defendemos o respeito aos Tratados Internacionais de Direitos Humanos, de Direitos dos Povos e das Minorias Étnicas e Sociais, como a resolução 169 da OIT.

Convidamos a Sociedade, as Aldeias e Povos Indígenas a considerarem sobre a importância da luta da Aldeia Maracanã para a causa indígena internacional e como perspectiva estratégica de enfrentamento, negação e superação das atuais condições de existência no capitalismo, em diálogo com os saberes indígenas ancestrais e com os movimentos nas ruas.

Convidamos os movimentos, coletivos, organizações artísticas, culturais, e de luta política antifascista e antissistêmica a participar desta luta na Aldeia, na contramão dos que nos querem ver isolados, como "bons selvagens". Dada a necessidade de aprofundarmos nossas relações de fraternidade na luta, convidamos a todos a ocuparem a Aldeia, participando da construção de nossa programação, propondo temas, encontros, reuniões, eventos culturais, etc. Vamos resistir juntos por um novo projeto de gestão, como o auto governo, não privado, público, deste território indígena. Isso é possível!

Vamos juntos, de mãos dadas!

Aldeia Maracanã (R) Existe!

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Liderança Tupinambá sofre atentado

Na madrugada de sábado para domingo, 18/8, na Bahaia, Potyra, uma liderança Tupinambá, sofreu um atentado de morte: atearam fogo em sua casa. Ela, inclusive, já esteve em uma das atividades organizadas pela APROPUC para denúncia das violações aos direitos indígenas.

Além de liderança Tupinambá, Potyra é advogada de povos indígenas, defendendo a demarcação e a homologação de suas terras, e com isso tornou-se um dos principais alvos de latifundiários e empresários interessados no território Tupinambá.

Agora ela está protegida por indígenas e espera o melhor momento para registrar

um Boletim de Ocorrência. Na semana passada, os Tupinambás chamaram a Força Nacional, que até o fechamento desta edição não havia intervindo na situação, que só se agrava na Bahia.

Segundo informações de outra liderança, esse ato se junta a outros na tentativa de calar o povo Tupinambá, que tem feito uma série de retomadas de terra na Bahia. Só nas últimas semanas, carros com indígenas foram alvejados e um automóvel da Funasa, que transportava um índio doente, foi parado e queimado. Além disso, aldeias baianas têm sido alvejadas constantemente por atiradores profissionais.

Indígenas convidam para caminhada de memória e luta

Os Tupinambás da região de Itabuna e Ilhéus, na Bahia, divulgaram um convite público para participar da "V Trajetória Índio Caboclo Marcelino", que acontecerá de 24 a 28/9, e da "XIII Caminhada Tupinambá", dia 29/9.

No evento será discutido desde a resistência histórica do povo Tupinambá, que já dura 513 anos, até o atual momento das lutas e dos enfrentamentos - com o avanço das retomadas de terra indígena.

A situação na região é tensa. Nas últimas semanas, aconteceram três atentados contra veículos federais

que estavam transportando indígenas, disparos contra aldeias, onde dois indígenas foram assassinados, e uma tentativa de assassinato de uma liderança.

Já a Caminhada Tupinambá é em memória dos Mártires Tupinambá, e relembra o massacre do Rio Cururupe, como ficou conhecido na etnia um dos atos genocidas do Estado.

Além disso, haverá rituais do povo Tupinambá e demais expressões culturais da tribo e da região. Para mais informações, acesse: <http://wp.me/p1duRL-1uR>.

ROLA NA RAMPA



ROBERTO OLIVEIRA

Programação musical anima a semana da PUC-SP

Vários eventos musicais animaram a semana de aniversário da PUC-SP. Na quinta-feira, 22/8, Fabrício Ramos (foto), músico pernambucano e estudante de História da Pucsp, realizou um show aberto na prainha da universidade.

No evento, apoiado pela instituição, ele recebeu convidados, entre professores e estudantes, e animou a hora de almoço da comunidade, reunindo mais de 50 pessoas ao som de música pernambucana e nordestina, como Alceu Valença, Ze Ramalho, e de composições de sua autoria.

Além de Fabrício Ramos, outros músicos e conjuntos fizeram parte da semana musical. Como, por exemplo, o grupo instrumental Neurozen e a banda Bateras Beat Perdizes, que se apresentaram no Patio da Cruz. Houve ainda a apresentação do coral da PUC-SP, em homenagem aos 67 anos da universidade.

PUC-SP continua recebendo manifestações sobre seguro

Até o fechamento desta edição a Divisão de Recursos Humanos (DRH) continuava recebendo manifestações de concordância ou oposição ao reajuste proposto pela Bradesco Seguros para o seguro de vida dos funcionários e professores da PUC-SP. O grupo de trabalhadores que participa da apólice

coletiva recebeu a proposta da seguradora via e-mail e em suas residências e, de acordo com o Código Civil, precisa se manifestar para que haja um posicionamento da PUC-SP sobre a concordância ou não com o reajuste. Mais informações pelo endereço eletrônico rh_beneficios@pucsp.br

6ª Feira do Livro acontece em agosto

Entre os dias 26 e 30/8, das 9h às 22h, ocorrerá a 6ª Feira do Livro da PUC-SP. Com stands no piso Térreo do Prédio Novo, os visitantes poderão comprar

livros de diversas editoras com descontos a partir de 20% do preço das livrarias. O evento é organizado pelo Núcleo de Eventos e Cerimonial da PUC-SP.

DRH promove oficina para funcionários

A Divisão de Recursos Humanos (DRH) organiza no dia 29/8 a oficina "Fluir saudável X Estresse", que abordará maneiras de melhorar a qualidade de vida das pessoas para evitar momentos de estresse e garantir o relaxamento. O convidado para ministrar a oficina é Sylvio Rocha, psicólogo formado pela PUC-SP,

acupunturista e pesquisador do Simbolismo Corporal. A oficina acontecerá entre 14h e 16h na sala 120A do Prédio Novo. As inscrições podem ser feitas pelo e-mail rh_beneficios@pucsp.br. Serão apenas 30 vagas, com certificado ao final do curso. Para outras informações, ligue para 3670-3368.

PUC-SP divulga calendário para vestibular de verão

A universidade publicou em seu site o calendário para o próximo vestibular da PUC-SP, que ocorrerá no dia 1º de dezembro. Com inscrições abertas entre 14/10 e 13/11, a primeira chamada dos aprovados será no dia 18/12. As obras literárias desta edição do vestibular

serão Memórias Póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis), Sentimento do Mundo (Carlos Drummond de Andrade), Til (José de Alencar), Viagens na Minha Terra (Almeida Garrett) e Vidas Secas (Graciliano Ramos). Para mais informações, acesse <http://vestibular.pucsp.br/>.

Últimas palestras sobre Contratações Públicas

As últimas palestras do ciclo promovido pela Faculdade de Direito e IDEJ (Instituto de Desenvolvimento Jurídico Acadêmico Paulista) acontecerão nas próximas semanas. No dia 31/8, entre 14h e 16h, a palestra será sobre o regime de execução (contratação integrada), contratos administrativos, e a execução do RDC (Regime de Contratação Diferenciado), com os professores Eduardo Souza e

Augusto Neves Dal Pozzo. No dia 14/9, também entre 14h e 16h, a palestra será sobre recursos administrativos, sanções e controle externo, e será ministrada pelos professores Bruno Francisco Cabral Aurélio e Sílvio Luis Ferreira da Rocha. Os eventos ocorrerão na sala P-65 do Prédio Velho, e são direcionados aos graduandos em Direito. Faça sua inscrição pelo site da PUC-SP em www.pucsp.br.

Primeira turma da Derdic se forma na PUC-SP

Os 21 alunos do Programa de Capacitação de Surdos em Tecnologia da Informação formaram-se na primeira turma em Operador de Computador, promovido pela Derdic (Divisão de Educação e reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC-SP) e pela Brasscom (Associação Brasileira de

Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação). O programa tem parceria com quatro empresas, que apoiam o projeto que promove a inserção social e profissional da pessoa surda: Atos, Indra, Cast e Resource. Confira o vídeo no site da TV PUC: <http://www.tvpuc.com.br/sites/?p=3781>